



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Narciso Júlio Freire Lobo (UFAM)

Entre as décadas de 1920-1930: três momentos da imprensa no Amazonas com *Redenção, Equador e A Selva*¹

RESUMO

O presente artigo focaliza o surgimento das revistas *Redenção, Equador e A Selva*, surgidas no Amazonas, entre os anos de 1924 e 1938, sob a responsabilidade do jornalista e intelectual paraibano Clóvis Barbosa (1904-1989). Nelas, encontram-se as propostas de revelação e interpretação da região amazônica, que vivia período do retrocesso econômico devido a queda da exportação da borracha em função da concorrência dos seringais transplantados para a Ásia. A ênfase política inicial se transfere para o campo das idéias e preocupações artístico-culturais, aglutinando jovens políticos e intelectuais sintonizados com os movimentos tenentistas e modernistas que eclodiram nos anos 1920.

Trata-se de abordagem inicial no espírito de recuperar um momento da imprensa no Amazonas como parte da proposta de constituição da Rede Alfredo de Carvalho e do projeto “Brasil, Imprensa, 200 Anos”.

Palavras-chave: história da imprensa no Amazonas; revistas culturais; tenentismo; modernismo.

Apresentação do tema:

No mês de abril de 2001, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio, realizou-se a sessão de trabalho para a instalação da Rede Alfredo de Carvalho, destinada a levar adiante o projeto “Brasil, Imprensa, 200 Anos”, pelo qual, até 2008, se pretende incentivar pesquisadores, sobretudo das áreas de Comunicação e História, a realizarem pesquisas que tenham por objetivo mostrar as origens e o desenvolvimento da imprensa em nosso país.

A referência a Alfredo de Carvalho deve-se ao autor da primeira tentativa de mapeamento da imprensa brasileira, há quase 100 anos, quando as condições de comunicação eram ainda bastante precárias e as próprias metodologias ainda incipientes. O projeto “Brasil, Imprensa, 200 Anos”, idealizado e liderado pelo titular da Cátedra Unesco da Universidade Metodista de São Bernardo, prof. Dr. José Marques de

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Melo, desenvolverá ações públicas destinadas a comemorar os 200 anos de implantação da imprensa em nosso país, em 13 de maio de 2008.

Com o lançamento do projeto, pretende-se estimular iniciativas capazes, não somente, de estimular pesquisas, mas também de converter a imprensa em instrumento civilizatório: “trata-se de socializar seus benefícios culturais para toda a sociedade e não apenas para as elites, como vem ocorrendo historicamente nos dois primeiros séculos de sua existência em território nacional.” À sessão pública realizada na sede da ABI, estiveram presentes representantes de Universidades, órgãos de pesquisa, de Institutos Históricos e Geográficos, além de pesquisadores independentes e interessados em geral.

Uma velha história

Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil*¹, situando os primeiros anos da colonização portuguesa, em contraposição à colonização espanhola, traça um quadro sombrio da imprensa entre nós:

Igualmente surpreendente é o contraste entre as Américas Espanhola e Portuguesa no que respeita à introdução de outro importante instrumento de cultura: a imprensa. Sabe-se que, já em 1535, se imprimiam livros na Cidade do México e que quatro anos mais tarde se instalava ali a oficina do lombardo Giovanni Paoli ou Juan Pablos, agente do impressor alemão João Gronberger, de Sevilha. Da Nova Espanha a arte tipográfica é levada, ainda em fins do século XVI para Lima, datando de 1584 a autorização para se estabelecer oficina impressora na capital peruana.

E prossegue:

Em todas as principais cidades da América Espanhola existiam estabelecimentos gráficos por volta de 1747, o ano em que aparece no Rio de Janeiro, para logo depois ser fechada, por ordem real, a oficina de Antônio Isidoro da Fonseca.

Já no século 19, quando se introduziu a imprensa no Brasil, com a vinda da Corte Portuguesa, o número de obras dadas à estampa, só na cidade do México, já eram 8.979, informa o autor, que acrescenta:

Não é de admirar se, já em fins do século 18, se inicia ali a imprensa periódica americana com a publicação, a partir do ano de 1671, da primeira Gaceta, que saiu da loja de Bernardo Calderón. ... Posto que menos considerável do que a do México, a bibliografia limenha é, ainda assim, digna de registro. Medina pode assinalar, conhecidos de viso ou através de referências fidedignas, 3.948 títulos de obras saídas das oficinas da capital peruana entre os anos de 1584 e 1824.

¹ P. 170-171.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Rápido passeio sobre a imprensa colonial nos Estados Unidos mostra um dinamismo bem mais acelerado que aquele verificado na América Espanhola e, por conseguinte, totalmente diferente do colonialismo português no Brasil. Apesar dos percalços com a primeira experiência da *Publick Occurences*, abortado no segundo número, em 1690, a partir de 1704 começaram a surgir periódicos, a ponto de em 1775 existirem 37, com tiragem média de 3.500 exemplares cada. E com o processo revolucionário da independência triunfou a noção de liberdade de imprensa, com a Primeira Emenda à Constituição, de 1787, estipulando que “o Congresso não fará qualquer lei tendente a limitar a liberdade de palavra, ou a de imprensa.”²

Burbage, Cazemajou e Kaspi, os três franceses que estudaram a imprensa norte-americana se perguntam se esta vitória da liberdade de imprensa poderia ser explicável pela força das tradições anglo-saxônicas. No entanto, perceberam que, embora bastante liberal, o regime de imprensa na Inglaterra tem conhecido limitações. Preferiram levar em conta dois outros fatores: a extensão territorial, tal como no Brasil, mas com uma diferença básica: o poder federal norte-americano, por não dispor, inicialmente, de meios para exercer o controle e, principalmente, pela idéia de federalismo, foi deixando essa fiscalização para os Estados, que, por sua vez, transferiam a delegação para as comunidades locais.

Lembram, também, que parte da tolerância vinha da necessidade de novos braços, portanto de imigrantes de todas as origens, de todas as profissões, de todas as opiniões; além disso, segundo os três autores mencionados, o individualismo dos pioneiros do Oeste não faz mais do que reforçar essa tendência.

Por fim, uma outra explicação, que complementa as demais: a imprensa norte-americana escolheu, no século 19, o caminho da informação dita objetiva e, dentro desse pragmatismo, ganha força a idéia de liberdade para se dizer a verdade, que forjou uma cidadania, traduzida em leitores. No Brasil, após a independência, os jornais tinham circulação restrita, paralelamente a uma sociedade escravocrata e analfabeta, com minguados grupos privilegiados de assinantes; já nos Estados Unidos, em 1850,

² Burbage, R; J. Cazemanjou e Kaspi, A. *Os meios de comunicação nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1973, p.17-35.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



existiam 254 jornais, com tiragem de 758 mil exemplares. E, na primeira década do século 20, mais de 24 milhões de exemplares circulavam pelo país.³

150 anos de imprensa no Amazonas

Tendo participado do lançamento do projeto “Brasil, Imprensa, 200 Anos”, a convite do titular da Cátedra Unesco, e consciente da existência de poucas pesquisas nesse campo, nas Escolas de Comunicação, decidi direcionar parte de minhas atividades, a partir daí, para o estudo da imprensa no Amazonas, buscando mobilizar interesse e forças para dar prosseguimento a iniciativas isoladas, já acontecidas, como a do *Catálogo Cem Anos de Imprensa no Amazonas (1851-1950)*⁴, organizado pelos professores Francisco Jorge dos Santos, Geraldo Sá Peixoto Pinheiro, Luiz Bitton Telles da Rocha, Patrícia Maria Melo Sampaio, Vânia Maria Tereza Nóvoa Tadros, sob a coordenação do professor e jornalista José Ribamar Bessa Freire. Esse trabalho, mesmo apresentando divergências com catálogos como o da Biblioteca Pública do Amazonas, além de omissões de revistas, traz interessante metodologia para fichamento dos periódicos. Ao mesmo tempo, sendo um trabalho pioneiro, está reclamando que esse passo inicial seja resgatado, corrigido e ampliado até os nossos dias.

Como ponto inicial da tentativa de resgate histórico da Imprensa no Amazonas, um grupo de professores do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, vem iniciando o estudo de caso das revistas de Clóvis Barbosa (1904-1989), que exerceram vital importância na vida cultural e jornalística da região no período entre 1924 a 1940, envolvendo olhares e preocupações interdisciplinares de forma a oferecer leituras não apenas de cunho histórico, mas envolvendo também metodologias que proporcionem outros enfoques sobre esse rico material.

A imprensa no Amazonas surgiu a partir de 1851, com a publicação do periódico *Cinco de Setembro*, fruto da idéia do então presidente da Província, João Baptista Tenreiro Aranha (1798-1861), com a ajuda do tipógrafo paraense Francisco José da

³ Idem, p. 33.

⁴ Freire, José Ribamar Bessa (Org.). *Cem anos de imprensa no Amazonas (1851-1950)*, Manaus: Editora Umberto Calderaro, 1990.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Silva Ramos⁵, que logo no ano seguinte passou a se chamar *Estrela do Amazonas*.⁶ Eram folhas pouco atraentes, que seguiam o primitivismo da época devido às condições que cercam qualquer atividade pioneira, segundo explica o diretor do Centro de Documentação do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, Geraldo dos Anjos⁷

Somente a partir de 1870 surgiram os periódicos com maior zelo gráfico e formato mais condizente com o desenho jornalístico, tal como hoje se concebe, com *Amazonas*⁸, de Antônio Jardim da Cunha Mendes, que circulou por mais de 50 anos, tornando-se o periódico de maior expressão da época, ora como porta-voz do Partido Conservador, ora do Partido Republicano Democrático, além de um fértil movimento de surgimento de jornais no interior do Estado, como *Itacoatiara*, *Foz do Madeira*, *Rio Madeira*, *Correio do Madeira*, *Gazeta de Manicoré*, *Comércio do Purus*, *O Labreense*, dentre outros. No entanto, a força dos jornais melhorou com o advento do telégrafo e o emprego da xilogravura, proporcionando qualidade gráfica e evitando-se as suspensões temporárias, fator de estabilização e consolidação de um público crescente.⁹

No final do século XIX, expressando a força sobre uma elite alfabetizada, os jornais *Amazonas* e *Comércio do Amazonas*, este de Alberto Moreira Júnior, através de campanha pública, conseguiram suspender a escala da Companhia Brasileira de Navegação, no porto de Manaus, em momento de início da grande efervescência econômica devido ao Ciclo da Borracha, além de terem sido divulgadores da idéia de abolição da escravatura, que primeiro aconteceu no Amazonas e, somente em 1888, foi extinta, por ato do governo Imperial, no resto do Brasil.

⁵ No Acervo de Jornais da Biblioteca Pública do Amazonas o tipógrafo é apresentado como Francisco José da Silva Ramos, enquanto na obra *Cem Anos de Imprensa no Amazonas* como Manoel da Silva Ramos.

⁶ Loredana Kotinski, “Imprensa amazonense: uma história de muitas lutas”. *Jornal A Crítica*, 06/01/2002, p. C3.

⁷ Conforme entrevista concedida a Loredana Kotinski na matéria citada.

⁸ Aqui novamente verifica-se discordância entre informação do Catálogo da Biblioteca Pública e da obra *Cem Anos...* No primeiro, *Amazonas* vem como propriedade de Antônio Jardim Mello Rezende, com um acervo de julho de 1877 a junho de 1913. No segundo, tomando por base o Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas, o fundador é apresentado como Antônio da Cunha Mendes e o veículo como tendo circulado no período 1866-1921. Terá sido, segundo os autores de *Cem Anos...* o oitavo jornal a circular em Manaus e aqui os problemas poderão ser dirimidos quando a coleção completa, depositada no IGHA, puder ser consultada.

⁹ Cf. matéria citada de Loredana Kotinski.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



A construção do ainda hoje majestoso Teatro Amazonas, como parte do processo de urbanização e modernização da cidade de Manaus, no período de governo de Eduardo Ribeiro (1892-1896), aparece como indicativo de uma vida cultural, sob forte influência francesa, tanto na literatura como na música. O rastreamento das iniciativas de ensino de música, pontuando momentos de uma vida plena de conforto – para uma elite, diga-se de passagem – com a presença da luz elétrica, uma urbanização restrita ao requintado ambiente das classes dominantes, além da presença de técnicos e professores estrangeiros encarregados de trabalhos nas áreas da pintura, da música, do teatro, da arquitetura, assim como de jornais voltados para a crítica de espetáculos musicais e teatrais e até mesmo de uma imprensa de viés socialista em consonância com as discussões travadas nas metrópoles européias.¹⁰

Vale ressaltar, ainda, nesta contextualização da vida cultural no Amazonas, o surgimento, em 1909, da Escola Universitária Livre de Manaus, no interior da efervescência econômica em torno da borracha. Tal fato se reveste de importância porque, ao contrário da colonização espanhola, que desde o século 16 implantou instituições universitárias em suas colônias americanas, no Brasil somente a partir de 1808, com a presença da Corte portuguesa, fugida das guerras napoleônicas, viria nosso país a gozar do direito de ensino superior, assim como de poder dispor de imprensa própria. Dessa forma, o primeiro conglomerado de escolas de nível superior, a reivindicar, no Brasil, o nome de Universidade aconteceu com essa iniciativa de Eulálio Chaves e Astrolábio Passos. Na década de 1960, as escolas remanescentes deram origem à atual Universidade Federal do Amazonas.

O Amazonas, nas décadas de 1920-1930, possuía uma população rarefeita e em média cinco jornais na capital, cada um deles com circulação não ultrapassava os três mil exemplares.

As revistas de Clóvis Barbosa

Diante de uma realidade em que centenas de publicações estão por ser estudadas, algumas perdidas, outras em processo de destruição pelo tempo, decidi fixar-me em três

¹⁰ Conforme Márcio Páscoa no seu livro *A vida musical em Manaus na época da borracha (1850-1910)*, Manaus: Editora Imprensa Oficial, 1997.

¹ Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



revistas idealizadas, organizadas e dirigidas pelo paraibano Clóvis Barbosa (1904-1989), entre os anos 20 e 30, em Manaus, detentoras de algumas características importantes, como a preocupação por revelar a Amazônia e seus valores intelectuais, pela qualidade dos textos e das colaborações nelas inseridas, pela própria qualidade editorial e gráfica, ressaltados os limites de época. É importante mencionar que as publicações de Clóvis Barbosa surgem em momento de franca decadência, do ponto de vista econômico, quando a região vivia o esvaziamento, após a queda na exportação do principal produto – a borracha -, devido a concorrência, em bases mais racionais, e não apenas extrativistas, do produto similar asiático.

A primeira das publicações de Barbosa chamou-se *Redenção*, surgida em 1924. Logo abaixo do nome da publicação vem escrito: “Resenha mensal de propaganda do Estado do Amazonas”; na página dois, no local reservado para o expediente, ela é definida como: “Revista Política, Litterária, Econômica, Social e Commercial”. E traz um aviso curioso, no seu número VII, impresso em maio de 1925, dando idéia de receptividade dos números anteriores: “Temos recebido, de todo o paiz, especialmente do Pará, enorme pedido de assignaturas de *Redenção*, a começar do primeiro número. Não podemos mais attendel-os, em virtude do esgotamento completo de todas as edições, até agora publicadas. Só aceitamos assignaturas que comecem do setimo número.” Um pouco abaixo, em corpo maior, o seguinte aviso: “Compra-se, nesta redação, a bom preço, o terceiro numero de *REDEMPCÃO*”. Circulou até 1927 e foi ressuscitada no período 1931-1932. Impressa no tamanho 30,5x 22, alternando-se o papel couchê para as páginas de artigos e informações, e papel jornal, em outras edições.

O nome *Redenção* vem das movimentações político-revolucionárias em que esteve envolvido o seu jovem idealizador, em 1924, no bojo dos movimentos tenentistas eclodidos Brasil afora. O tenente Ribeiro Júnior expulsou do governo do Amazonas a oligarquia corrupta de Rego Monteiro (1921-1924) e estabeleceu um governo popular, com duração de 34 dias. Entre os defensores desse movimento militar, com maciço apoio popular, estava o jovem Clóvis Barbosa, então com 20 anos, que se tornou um dos mais panfletários articulistas do *Jornal do Povo*, porta-voz do que então se chamava



de revolução redentora. A Revolução de Ribeiro Júnior ganhou contornos perigosos para as elites, pois adotou medidas de seqüestro de bens dos poucos milionários da cidade para serem leiloados e o resultado distribuído entre a população miserável e para o pagamento de funcionários públicos com salários atrasados em função da crise econômica pela qual passava a região depois da *debacle* da borracha.

Em 1929 saiu o único número, em formato de livro, da revista *Equador*, que se propunha a ser o “Panorama Literário do Norte de Hoje”, com grande repercussão dentro e fora do Estado. Impressa no tamanho 21x13,4. Devido a envergadura do projeto e a falta de suporte, saiu apenas o número dedicado ao Amazonas, que merecerá, oportunamente, estudo de seu conteúdo.

Encerrado o ciclo de *Redempção*, com a tentativa de sua segunda fase, entre 1931-32, Clóvis Barbosa se lançou em novo projeto editorial: *A Selva*, mensário em formato tablóide (42,5x 31,5) destinado a veicular “Atualidades, Política, Letras, Problemas Sociais”, que circulou entre setembro de 1937 até final de 1938, transitando, por suas páginas, intelectuais como Mário de Andrade, Gastão Cruls, Jorge Amado, Gilberto Osório de Andrade, Francisco Galvão, Jorge Andrade, Tristão de Athayde, Cândido Mendes de Almeida, Viana Moog, Dalcídio Jurandir, Nunes Pereira, Mauro Mota, Raul Bopp e Abguar Bastos, além de intelectuais da região que se tornaram conhecidos posteriormente, como Francisco Pereira da Silva, Alvaro Maia, Raymundo Moraes, Agnelo Bittencourt, Violeta Branca, Ramayana de Chevallier, André Araújo, Araújo Lima, Benjamin Lima, dentre outros.

A Selva, como o próprio nome sugere, veio como homenagem ao romance homônimo do escritor português Ferreira de Castro, sua principal obra, que narra a vivência de um jovem português, Alberto, seu alter ego, em seringal do Amazonas. No número 6 da revista, saída a 30 de janeiro de 1938, é publicada, na primeira página, com destaque, carta de Ferreira de Castro a Clóvis Barbosa:

Recebi o seu cartão, carta de Jorge Amado e **A Selva**. Fiquei muito sensibilizado com a intenção que o título representa. Além disso, o jornal está bem colaborado, tem uma grande variedade de assuntos e uma boa apresentação gráfica. Felicito-o e aos demais camaradas amazonenses que nele escrevem. Eu avalio o esforço e a tenacidade que **A Selva** traduz. Creia-me seu novo amigo, que o saúda afetuosamente.



As publicações de Clóvis Barbosa, refletindo momento de grande efervescência cultural e política em diversas outras regiões do Brasil, são contemporâneas de revistas como *Verde*, de Cataguazes, que circulou entre 1927 e 1929; *Revista de Antropofagia* (1928-1929) e *O Homem do Povo* (1931, dirigida por Oswald e Pagu).

Posteriormente, já no Rio de Janeiro, Clóvis Barbosa atuou editando cadernos com ensaios de intérpretes da Amazônia, junto ao serviço de documentação da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), durante o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) encerrando, assim, sua trajetória de jornalista e editor, voltado obsessivamente para a divulgação da Amazônia, com estilo muito vigoroso e acurado sentido estético.

Este é o perfil, suscito, da vida e obra deste grande jornalista

A Revolução como motor inicial

É sintomático do clima político agitado o artigo de primeira página do no. 26 do *Jornal do Povo*, que se denomina “Orgam Reivindicador das Liberdades Nacionaes”, assinado por Clóvis Barbosa: “Contentes e descontentes - Abaixo os medalhões”. Vale a pena focalizar esse período inicial, situando melhor a fase revolucionária mencionada.

Na esteira das rebeliões tenentistas, cujo marco inicial foi o episódio dos “Dezoito do Forte de Copacabana”, no Rio de Janeiro, em 1922, o Amazonas também se inseriu neste importante ciclo, dado que existiam todas as condições para o apoio popular, que não faltou aos revolucionários nos dias em que se mantiveram o poder: o Amazonas perdera o monopólio do fornecimento de borracha para o mundo capitalista e a situação local era de recessão e miséria, com atraso no pagamento do funcionalismo e a corrupção campeando. No mais, o domínio político de poucas famílias revezando-se no poder, a despeito da crise e das tensões sociais. Os tenentes vinham armados de visão romântica e reformista e atendiam, sob medida, aos anseios de uma classe média inquieta, impedida de participação política, a exemplo do resto da população. Foram movimentos como esse, pelo Brasil afora, que enterraram definitivamente, a partir de 1930, a chamada República Velha.



Em Manaus, no dia seguinte à tomada do poder, ocorrida no dia 23 de julho, circulava o número 1 do *Jornal do Povo*. Era o veículo oficial da curta revolução, cujas edições eram disputadas nas ruas e, em consequência de apelos, muitos números tiveram que ser reimpressos para que pudessem chegar ao interior do Estado. A equipe do *Jornal do Povo* era composta basicamente por quatro pessoas: o redator-chefe, dois redatores e o chefe de revisão, respectivamente: Paulino de Brito, Clóvis Barbosa, Antóvilva Mourão Vieira e Vinício Azevedo.

O *Jornal do Povo* foi um grande exemplo de transparência e trazia diariamente artigos doutrinários, os atos do governo revolucionário, assim como denúncia de corrupção dos antecessores. Vida curta: menos de 30 edições.

O ato que mais popularizou o curto governo insurrecional de Ribeiro Júnior foi o “Tributo de Redenção”, dado que aqueles jovens no poder passaram a confiscar dinheiro e bens de tradicionais famílias amazonenses, envolvidas com a corrupção, que eram utilizados para saldar compromissos do Estado e, sobretudo, para pagar os salários atrasados do funcionalismo público. Diariamente o *Jornal do Povo* divulgava a relação das pessoas que deveriam pagar o “Tributo de Redenção”, seguida do valor correspondente em dinheiro. Ao mesmo tempo, era divulgada a prestação de contas, ou seja, o que havia sido feito com o dinheiro arrecadado. Foi um terror para a classe dominante, mas a festa das classes populares terminou a 28 de agosto, quando a Expedição do Norte, comandada pelo general João de Deus Menna Barreto, em nome do governo federal, retomou as rédeas, prendeu os revolucionários e estabeleceu sucessivas interventorias na gestão política.

Voltando ao *Jornal do Povo*, um rapaz que mal completara 20 anos e ainda freqüentava a Escola Normal, onde presidia a Associação Normalista Amazonense, Clóvis Barbosa, caracterizava-se pelo ardor panfletário. E, na edição do dia 22 de agosto – seis dias antes da derrota final - , vinha por ele assinado o violento manifesto, cujo título era: “Contentes e descontentes: Abaixo os medalhões!” Vale a pena percorrer alguns trechos do manifesto:

Sim! O Amazonas, ponto culminante da flibusteria, receptáculo dos mais célebres ladrazes, vai surgindo, esplendorosamente, das cinzas do aniquilamento,



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

esse aniquilamento produto da caliginosa vertigem de ambição dos seus administradores. O gigante acordou. O gigante não continuará a ser vilipendiado.

No texto, Barbosa questiona a passividade da população, nos momentos anteriores à Revolução:

Uns atribuem o sofrimento do Amazonas à bondade nímia e pecaminosa de seus filhos para com os aventureiros. Outros asseveram, categoricamente, que, -- frustradas todas as nobres vontades do povo amazonense, vontades essas sempre imbuídas de verdade e justiça, essas verdades e justiças que não convinham ao sr. Presidente da República, o todo poderoso da política do País e criatura que nomeia os chefes de Estado, o povo do Amazonas se prendeu nas teias do fatalismo...

No trecho seguinte, define quem são os descontentes com a situação: os que foram apeados do poder e os atingidos pelo “Tributo de Redempção”. Por outro lado, “são os contentes de hoje o funcionalismo público, o povo em geral.”

Clóvis Barbosa dirige-se, por fim, à sua faixa etária:

Entoemos, ò mocidade redentora, o nosso hino de vitória; espalhemos, por toda a parte, as tendas de nossa energia e, absolutamente, não consintamos que os velhos, que os coronéis, continuem com essa política aviltante e destruidora, inspirada pela especulação, pela incongruência, pela ambição, pela tradição! Abaixo os Medalhões!

Sufocada a revolução, Clóvis Barbosa partiu para sua revista *Redempção*, estabelecendo novo caminho de jornalista e editor: enquanto a preocupação com a política diminuiu, nos anos seguintes, ganhou destaque, daí por diante, a ênfase na cultura, buscando aproximação com os jovens modernistas de 1922, sem abandonar o forte vínculo com a tradição intelectual local.

Revelação substitui Revolução

O estudo das publicações mencionadas, além de mostrar a produção cultural, científica e jornalística, no período, no Amazonas, abre grande espaço para a compreensão de certa articulação política e cultural, não apenas no plano interno, mas buscando relacionar-se com as inquietações reinantes naqueles momentos em outras regiões do Brasil, sem a perda das características de refletir sobre o extremo norte.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Oferece também um posto de observação privilegiado para a capacidade de aglutinação que acontece em torno de publicações desse gênero em momento bastante especial da história brasileira: no plano político, os movimentos tenentistas e no plano cultural a sua articulação com o que ficou conhecido como o modernismo em suas diferentes facetas.

Chamam a atenção, em *Redenção*, *Equador* e *A Selva*, os cuidados gráficos e editoriais e alguns eixos para serem observados, descritos e estudados, como:

1. Os “reclames”, ou anúncios publicitários, com o potencial de mostrarem os serviços e produtos oferecidos, assim como a linguagem empregada;
2. A preocupação com a qualidade do texto do conjunto das publicações entre 1920 e 1940 em Manaus;
3. A utilização de fotografias, então chamadas “clichês”, apontando tendências gestuais características para homens, mulheres e crianças nas notas sociais;
4. As primeiras tentativas do fotojornalismo, sobretudo quando é abordado, numa edição inteira de *Redenção* um tráfico naufrágio no rio Solimões.
5. Os textos editoriais das revistas e como elas se apresentam ao público;
6. Os textos dos colaboradores, locais e nacionais;
7. Os gêneros jornalísticos presentes (crítica, poesia, reportagem, ensaio, etc);
8. O próprio estilo viperino de Clóvis Barbosa, em seus editoriais, crônicas e textos diversos.
9. Vale destacar, por fim, no número especial de março de 1926, de *Redenção* sobre o naufrágio do barco “Paes de Carvalho”, o trabalho de reconstituição da tragédia, através de depoimentos, fotos e croquis.

Manifesto de Redenção

No editorial de primeira página, do ano I, número 1, de Novembro de 1924, em apenas dois parágrafos, a explicação do surgimento e as propostas de atuação:

O próprio nome desta revista explica os motivos de seu aparecimento, quando o Amazonas das chaves misteriosas que hão de abrir as portas de um bronze de seu grande porvir, até agora trancadas por fatores sob vários pontos removíveis. Na luta



hercúlea, cristalizando as forças palpitantes do Estado, não poderia ficar em olvido o elemento intelectual, que as movimenta e se esconde, que as ilumina e se oculta na sombra, ao guante de preconceitos absurdos. Além dessa promessa, já de si respeitável, assume esta publicação uma responsabilidade para com esta magnífica terra, - a elevada responsabilidade de fazer-lhe a propaganda no país e no estrangeiro. Será também um repositório fiel do nosso movimento, mostrando aos interessados, como um espelho nítido, os vários prismas em que se reparte a nossa vida econômica e financeira. Não temos um programa restrito: as nossas páginas estarão abertas às múltiplas manifestações do pensamento. Mas julgamos ser do máximo proveito para um Estado novo a explicação de suas riquezas, de suas reservas: daremos preferência a assuntos puramente regionais. E não vemos nessa forma de agir uma estreiteza de métodos. Antes de compreensão do nosso tempo e do papel que nos compete na defesa de nosso lugar ao sol.

No segundo parágrafo, com uma linguagem elegante, prossegue o editorial, apontando o momento histórico raro, que exige tanto o amor como a doação do próprio sangue:

*A hora, que atravessamos nervosamente, é rara: a história não a reproduz muitas vezes. Estamos no dever de aproveitá-la com amor, defendê-la com sangue, segui-la com entusiasmo: é o que pretendemos fazer nestas colunas, abertas à exaltação de nossas causas. Dizemos assim conscientemente, sem desvio de sentido, porque falar no amazonas, após tanta amargura, é uma divina e sagrada exaltação, bastante para redimir todas as audácias e desculpar todos os sacrifícios. O aparecimento de **Redenção**, com tantos empecilhos a vencer, sem faltar mesmo a indiferença do meio, é, por certo, um sacrifício e uma audácia... Mas a vida só é bela com esses arrojos, que a dignificam, e nós queremos viver...*

Manifesto de 1929



Equador, escrita sempre com o *e* minúsculo, se pretendia colocar como “Panorama Literário do Norte de Hoje” e o seu primeiro e único número, com 200 páginas, saiu com a data de outubro de 1929. Ali vinha o documento de maturidade do jovem Clóvis Barbosa, que, tendo vivido a experiência da Revolução de 1924 e a posterior edição de sua revista *Redenção* (em duas fases), preparava-se para a experiência da já mencionada *A Selva*.

Aqui já se apresenta o intelectual entusiasta do movimento modernista de 1922, mais próximo das preocupações de ordem literárias que políticas. Vejamos alguns trechos desse importante documento, cujo título, a exemplo do anterior, de *Redenção* leva o nome da publicação: *Equador*. O próprio estilo já se aproxima dos textos, de frases e parágrafos curtos, de modernistas como Oswald e Mário de Andrade. Ao mesmo tempo, o título da publicação é grafado com *e* minúsculo:

O destino de equador é trabalhar na preparação da consciência nacional.

Incurvar-se-á no exercício das forças expressivas da raça. Investigando-as. Interpretando-as.

Observa-se um aspecto amadurecido em *Redenção*, ou seja, a busca da investigação e da interpretação da região amazônica como parte do processo cultural brasileiro:

equador nasceu na hora de sol animadora duma consciência novo. Batizou-se com um compromisso de esforço para achar o nosso ritmo. Preocupa-se com uma mentalidade social e física absolutamente brasileira. Quer olhar duro para as realidades semi-bárbaras do meio. Quer olhar assim: espelhando um sentimento humano sem desacerto de espírito local.

A questão do atual e do passado vem à tona, na busca do caráter brasileiro:

Mas, engraçado! equador anda vestido numa forma eclética de nacionalismo. Nacionalismo passadista e atualista.

Uma etiqueta passadista viciou a arte brasileira com estrangeirismos retóricos. Está errado. Tão errado como compreenderem que brasilidade modernista é escrever em casange o elogio dos lugares-comuns da nossa paisagem.

Na picada que os renovadores abriram para chegar depressa à independência estética do Brasil fechou o tempo. Um barulho doido de brasilidade subjetiva. Em vez duma energia assimiladora através da linguagem fatalista duma brasilidade objetiva. Estamos a um passo da compreensão do caráter brasileiro. O diabo é que uns atrapalham os outros numa confusão de símbolos.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

Sobre a idéia tão cara de modernismo, a denúncia da imitação barata e a idéia de que não se pode ficar esperando, de cócoras:

Mais decepcionante ainda... O caminho que vai ter no modernismo está cheinho de escritores pechotes a brincar os quatro-cantos da imitação. Gente que quer vencer arremedando Mário de Andrade, Álvaro Moreyra, Mennotti, Bopp, Cassiano, Tasso da Silveira, Ronald. Rapazes sem conceitos próprios do fenômeno da brasilidade.

Agora o pessoal do sul reage para desencilhar o caminho. Os antropófagos paulistas andam numa afoiteza braba a comer tudo quanto é embromador que se veste no couro de onça dum sistema estético bárbaro, jovem só para disfarçar sua educação clássica. E nós não podemos ficar acorados sem um entusiasmo profundo...

E prossegue, afirmando que o volume, que se pretende bimensal, terá o “intuito da confraternidade literária do norte”:

Os escritores residentes nos diversos Estados equatoriais são completamente desconhecidos entre si. Falta um meio de publicidade entre eles que os divulgue. Falta-lhes um empreendimento que os aproxime numa cordialidade ativa. Até os grandes nomes só são revelados pela crítica ou pela imprensa do sul.

Divulgando-os, fazendo-se conhecerem-se, imagina Barbosa...

Então, acompanharemos os confrades do sul e participaremos da visão alada dos mistérios do Paraíso Verde e mais da sabedoria perseverante e simples do homem nortista, sempre amansando a natureza...

Ao final, depois de assinar, com suas iniciais, CB, vem: “Manãos – Porta do Eldorado, Outubro de 1929.”

À guisa de conclusão

Recentemente, o *Jornal do Comércio*, de Manaus, fundado em 1904, buscando avaliar os seus quase 100 anos de existência, programou uma edição em que se perguntava, basicamente, sobre o que mudou no jornalismo praticado do início do século XX até nossa época. Durante muito tempo, na maior parte do Brasil, a consciência sobre a importância da preservação de documentos, ou mesmo de prédios públicos, foi sempre relegada a segundo plano, razão porque, em apenas 500 anos, a maior parte do que se construiu acabou também se perdendo, ora em nome de uma concepção de progresso que precisava demolir e substituir o que existia, ora por puro

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



descaso e ignorância. Isso para não se falar do pouco caso para com a tradição indígena, cujos sítios arqueológicos, na periferia de Manaus, são aplainados por tratores para no seu local serem construídos conjuntos residenciais.¹¹

O próprio *Jornal do Comércio*, que na maior parte de sua existência pertenceu aos Diários Associados, depois de vendido e com a transferência de sua sede do centro para um bairro de Manaus, teve a maior parte de suas coleções perdidas, na década de 1970, quando o delírio de uma Zona Franca “modernizante” considerava “atraso” conservar papéis velhos ou mesmo olhar um pouco para trás. O mesmo aconteceu com o acervo de *O Jorna* claro, o limite de peso que um cidadão pode carregar em condições normais, enfrentando o sol a pino sob a linha do equador.

Um grande incêndio na Biblioteca Pública do Amazonas, durante a Segunda Guerra e o descaso pelos Arquivos Históricos completaram a obra de “apagamento” de tantos outros veículos impressos. Felizmente, mesmo que não se tenha coleções integrais, conseguem-se localizar exemplares esparsos dando conta de aspectos parciais da imprensa entre nós.

Com os recursos tecnológicos da microfilmagem e de cd room, coleções começam a ser resgatadas, a partir de doações ou mesmo de reunião de coleções esparsas, títulos que se imaginavam perdidos. Embora ainda falte uma integração entre os órgãos encarregados da conservação desse material, já se observam avanços, sobretudo no aspecto da facilitação para consulta. Houve um momento em que se sabia da existência de coleções, em órgãos como Bibliotecas, Arquivos e Institutos, mas que ficavam totalmente vedados à pesquisa, diante da possibilidade de destruição dos acervos pela simples consulta e manipulação do material pelos pesquisadores.

Em resposta à indagação do velho *Jornal do Comércio*¹², sobre o que mudou no jornalismo, lembrávamos, com base em estudos bem preliminares sobre as revistas *Redenção, Equador* e *A Selva*, editadas em Manaus, entre os anos de 1920 a 1940, a emoção e o entusiasmo, que foram ficando para trás, para dar lugar, em nossos dias, à

¹¹ Narciso Lobo, “História em cacos”, *A Crítica*, Manaus, 25/11/01.

¹² Idem, “No tempo em que se fazia jornalismo com emoção”, *Jornal do Comercio*, 3/1/02.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



informação unificada, fria, buscando um suposto distanciamento entre o fato e o repórter. Também a mania de ser igual, absolutamente igual, ao concorrente no que tange à narração dos fatos. Certamente, nesse processo, abandonou-se, de forma ostensiva, a preocupação com o estilo.

Se, por um lado, nesse período, aconteceu o fantástico avanço tecnológico, proporcionando condições de produção massiva de informação, sobretudo impressa, o profissional foi ficando submetido a uma ditadura de horários industriais de “fechamento” das edições, sacrificando, muitas vezes, a coleta e o processamento da informação, que muitas vezes chega mal apurada e mal construída e, portanto, com a recepção comprometida.

Coroando esse círculo de mal entendidos no jornalismo, toda a tecnologia de reprodução a baixo custo, e em velocidade inimaginável, em outros tempos, o que se verifica, em alguns países, como o Brasil, é que a circulação de jornais, apesar da explosão populacional, permaneceu em níveis irrisórios, como demonstra a insuspeita pesquisa realizada pela Consultoria Mc Kinsey, a pedido da Associação Nacional de Jornais (ANJ), divulgada no ano passado, que revelou: entre os anos de 1996 e 2000, a circulação de suas folhas aumentou de seis milhões e 500 para sete milhões e 900¹³, o que na verdade é mais motivo para chorar do que para rir de felicidade, diante da constatação de que ainda estamos longe de atingir os índices de circulação dos jornais norte-americanos no século 19.

Ao mesmo tempo, no Brasil, temos um dos menores índices de leitores do mundo e estamos bem atrás de países como Venezuela, Peru, Argentina, México e Cuba, de acordo com dados da Unesco¹⁴, fato que nos faz retomar a citação inicial de Marques de Melo quanto a urgência de socializar o acesso à leitura de jornais e periódicos, e livros, claro, preocupação que não foi observada nesses quase 200 anos de imprensa entre nós.

¹³ Bernardo Ajzenberg, “Advogado do diabo”, *Folha de S. Paulo*, 18/8/2001.

¹⁴ Cf. Caio Túlio Costa no seu livro *O relógio de Pascal*. São Paulo: Siciliano, 1991, p. 229-230.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.